

❖ NOSSO FUNDADOR

178 anos de história de um santo homem: no dia 21 de julho, celebramos o aniversário natalício de Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro

Para celebrar esta importante efeméride, reunimos recortes sobre sua vida de santidade

Dizia Aurora que, no dia-a-dia no Asilo São Luiz, colegas eram acometidas de momentos de tristeza e angústia, tendo como causa principal as saudades dos pais ou familiares que moravam bem distantes; essa ocorrência trazia muito desconforto para todos, pois, ela era assimilada pelas demais colegas. Contudo, Monsenhor Domingos, com a sua extrema e aguçada sensibilidade espiritual, agia como um verdadeiro terapeuta, assim, designava e orientava uma das Irmãs de Caridade que, levasse a aluna e outras colegas para uma pequena caminhada que sempre tinha como ponto de parada, local onde estava instalado um moinho para fazer fubá. Nesse ponto, a Irmã orientada pelo Monsenhor, descrevia, pacientemente, todo o mecanismo do engenho, desde a força da água que impulsionava as moendas de pedra até o recolhimento do fubá, dando ao mesmo a importância do produto alimentar da época. Assim, com essa singela atitude o Monsenhor conseguia que a acabrunhada aluna voltasse a sorrir trazendo-a para a alegria de todo o grupo.



Monsenhor também zelava pela saúde das alunas, e em especial com a higienização dos cômodos por elas ocupados. Ensinava sobre a utilização de plantas medicinais, que eram encontradas na região.

Quando rareavam os alimentos na despensa do Asilo, era visível a preocupação estampada no rosto do Monsenhor, o que também era sentido por todas as colegas. Nessas ocasiões, o Monsenhor erguia os olhos em direção à Igreja da Piedade, no alto da serra, e pedia às alunas que o acompanhassem em suas orações e, assim, rogava ao Divino Espírito Santo e à Virgem da Piedade que o atendesse naquela necessidade, no que sempre era socorrido.

Às vezes, de forma tão inusitada, como verdadeiro milagre. Assim, como ocorreu num período de chuvas intermitentes e persistentes, que inviabilizava o acesso ao Asilo. Afligia a todos a escassez dos alimentos na despensa, e as alunas só se alimentavam de bananas prensadas, recordava Aurora. Dessa forma, depois de suas orações, como por um milagre, uma tropa de burros que ia para Caeté, carregada de mantimentos foi atacada por um enxame de abelhas e, conseqüentemente, desviou-se do caminho, só parando às portas do Asilo. Oportunidade, em que a carência de alimentos fora suprida com farinha, arroz e toucinho. Tamanha alegria foi trazida que, assim, foi considerado por todos, um grande milagre.

Paulo Elmo Peixoto de Melo, filho de Dona Aurora, educanda do Asilo São Luís nos tempos de Monsenhor Domingos.

Ao entrar na escola pela primeira vez, enquanto esperava a diretora Irmã Antônia, deparei-me com o quadro de Monsenhor Domingos. Curiosamente comecei a rezar. Dizem que a pintura é o retrato da alma, e foi exatamente o que senti, mesmo sem conhecer a história dele. O que senti naquele momento foi a grandeza de sua santidade.

Depois desse episódio busquei saber sobre ele, constatei que Monsenhor Domingos quebrou paradigmas, foi corajoso e, dentro de tanta humildade, foi enorme em suas atitudes. Ele deixou um legado de respeito e amor, digno dos altares.

Sou devota de Monsenhor Domingos, a ele recorro muitas vezes pedindo força e coragem na aflição, e em momentos de alegria, expresso minha gratidão pelo que ele me concedeu. Gostaria que todos pudessem experimentar o que eu senti através da beleza e da presença de Deus no legado de Monsenhor Domingos.

Márcia Souza Rodrigues Valle, professora da Rede Piedade de Educação há mais de 30 anos.



Estudo na Rede Piedade a mais de uma década e sempre escutei falar do Monsenhor Domingos quando eu estava na pré-escola, mas foi lá pelo sétimo ano que a história desse homem tão devotado me fascinou, pois eu descobri o quão humilde e fiel aos princípios eucarísticos ele era. Além disso, Monsenhor era um homem que quebrava paradigmas da época ao acolher e cuidar das filhas das escravas, assim como fez Nossa Senhora ao acolher João aos pés da cruz de Cristo e, junto disso, acolheu também toda a humanidade. Domingos é a representação viva da humanidade que acolhe em seu coração os mais necessitados e do amor sem pedir nada em troca.

Felipe Padilha de Abreu, aluno da Rede Piedade de Educação.



Atualmente, muitos historiadores estão empenhados em investigar as fontes documentais que ainda sobrevivem ao tempo presente, apresentando suas conclusões a partir de possibilidades de compreensão do passado. Foi assim que em uma pesquisa o memorável Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro, entre inúmeros relatos e correspondências organizadas no livro *O Pioneiro da Serra da Piedade*, demonstrou-se um homem empenhado em seus propósitos e objetivos junto à sua religiosidade.

Após 10 anos de funcionamento do Asilo São Luiz, em 1878, Padre Domingos é apresentado ao doutor Hargreaves. Essa relação entre eles frutificou em doações monetárias e materiais importantes para reformas necessárias no Asilo, além de possibilitar que Domingos tivesse a oportunidade de conhecer o Imperador D. Pedro II, em uma de suas viagens à província de Minas Gerais.

De acordo com os comentários de *O Pioneiro*:

Quando, em 1882, o Imperador do Brasil, Pedro II, percorreu alguns pontos da então província de Minas, êle [doutor Hargreaves] falou-lhe, com grande interesse, sobre o Asilo S. Luiz e empenhou-se muito para que o Monarca tomasse sob sua proteção aquela obra ainda incipiente. [...] Padre Domingos, com a suma delicadeza que lhe era tão habitual, levou àquela cidade duas órfãs e apresentou-as ao Imperador. Êste acolheu as pequenas órfãs com fina gentileza. [...] Não foram frustradas as diligências daquele doutor pois o Imperador, cativo pelo amável acolhimento do Padre Domingos, ofereceu ao Asilo a importância de “um conto de réis” (1967, p. 86 – 87).

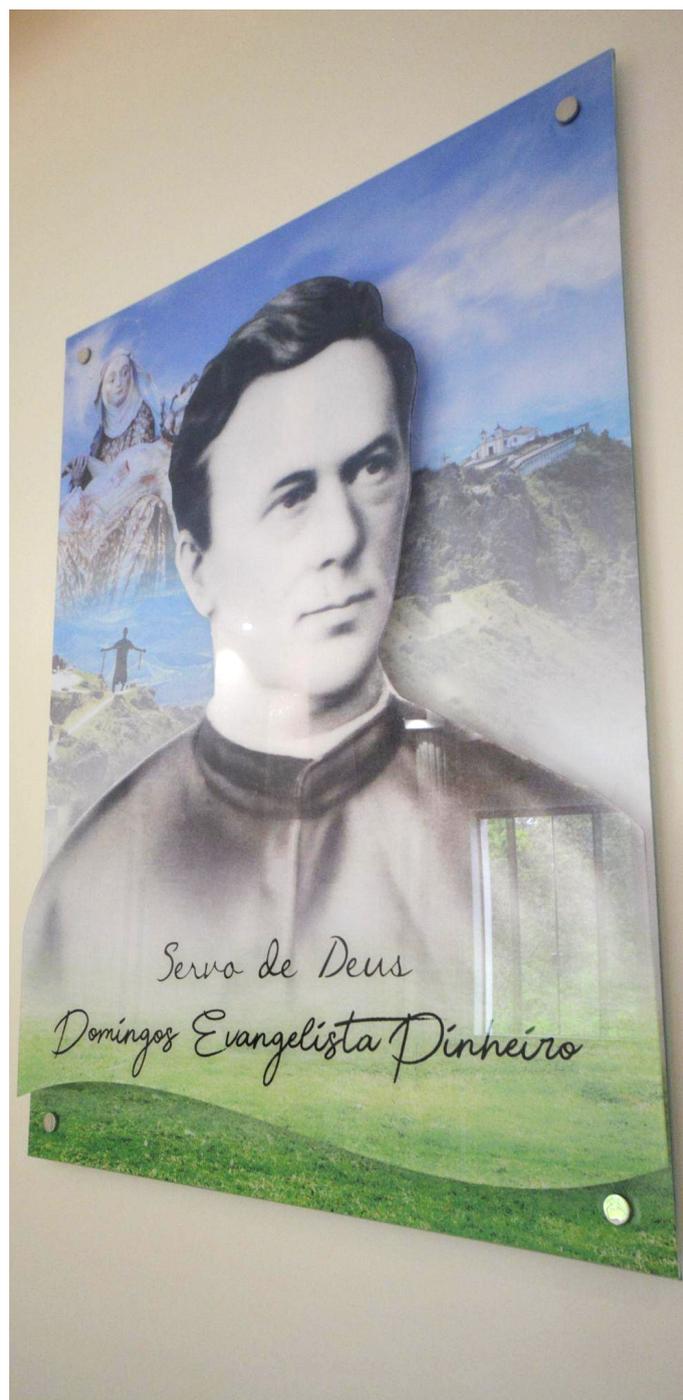
No diário pessoal do monarca, lemos:

Vi no alto da serra da Piedade a capela e indicaram-me em posição inferior o asilo fundado pelo vigário de Caeté Domingos [...]. Visitaram-me 2 das asiladas da serra da Piedade com a diretora. São 39 pobres e 10 que pagam alguma coisa (1881, p. 573).

Em uma primeira impressão, pode não significar tanta importância o evento retratado. Porém, isso simboliza para a história do Brasil um momento de solidificação de um projeto educacional e social que visava atender demandas sociais que estavam muito além do próprio Imperador, como a própria desigualdade racial fomentada pela escravidão.

Apesar de muito ovacionarmos Monsenhor Domingos pela sua memória clerical, não podemos deixar de lado o homem que viveu em sua sociedade por razões que ainda hoje movem mulheres e homens. Para além de seu tempo, a obra iniciada por Domingos no Asilo São Luiz tornou-se histórica, por sua importância social nos séculos passados, e torna-se atemporal, pelas pessoas que ainda são movidas pelas suas ideias e religiosidade.

José Gabriel Pinto Gomes Maffei,
historiador e pesquisador com tese de mestrado
sobre vida de Monsenhor Domingos.





❖ **COLUNA AFRO-BRASILEIRA**

Pandemia e negritude: uma questão de reflexão

Por Marinete da Silva Morais, Pedagoga.

Diante da pandemia provocada pelo coronavírus as desigualdades sociais no Brasil ficaram mais expostas, ficando mais evidente quando se sabe que discentes negros e negras não conseguem ter acesso as redes sociais para trabalhar as aulas na modalidade não presencial. Somado a isso, vem a exposição de que sequer são assistidos com condições de moradia e saneamento básico, principalmente quando se observa o grande número de negros e negras desempregados, configurando o racismo que se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica, segundo (ALMEIDA, 2018).

O cenário vivenciado em 2020 pela pandemia e neste semestre de 2021 nos faz refletir sobre a necessidade de políticas públicas de saúde para a população negra. Requer formação para profissionais de todas as áreas para garantir que se tornem

acessíveis e tenham um olhar cuidadoso para essa população que historicamente é desprovida de condições básicas de saúde, educação e saneamento básico para sobreviverem com dignidade.

O momento não nos possibilita tocar e abraçar, mas não nos impede de acolher a mãe que chora o filho negro que teve a vida interrompida pela violência. Não nos impede de buscar fontes e força para as famílias vulneráveis sem alimentação. Não nos impede de olhar e buscar alternativas para aqueles estudantes que não puderam acompanhar as aulas por não terem acesso à Internet.

Que nenhum negro e negra seja invisível e apenas números na relação das vítimas da COVID 19, pois são homens, mulheres, jovens que têm história. Certamente o momento não é de abraçar fisicamente, mas é de abraçar causas, abraçar iniciativas em prol da dignidade

humana, abraçar o cuidado com o outro. Celebrar a vida! Celebrar a sabedoria de nossos ancestrais nesse tempo de desafios.



❖ **EXPEDIENTE - CIANSP NOTÍCIAS - N.º 4 - Julho de 2021**

O CIANSP NOTÍCIAS é um informativo interno da Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade com periodicidade mensal e distribuição digital gratuita.

Casa Central
Rua Calcedônia, nº 282 - Prado
Belo Horizonte/MG - CEP: 30.411-103
Telefones: (31) 3371-1464
E-mail: ciansp@ciansp.com.br
Site: www.ciansp.com.br

Organização e diagramação:
Irmã Juliana Pereira dos Santos
Relações-públicas Responsável:
José Alessandro de Oliveira, Registro
CONRERP-RJ 3952
**Consultoria de comunicação e
finalização:**
Zelee Comunicação

Os artigos publicados no CIANSP NOTÍCIAS são de responsabilidade de seus autores e a reprodução parcial ou total do conteúdo da publicação depende

de autorização explícita de sua organizadora.

A Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, mantenedora da Rede Piedade de Educação, é uma associação privada, sem fins lucrativos, beneficente, filantrópica, de assistência social, pastoral e educacional, fundada em 1892, na cidade de Caeté/MG e, hoje, desenvolve atividades em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Maranhão e no Distrito Federal



Toque aqui e acesse nossa
página Vocacional!



Congregação das Irmãs Auxiliares
de Nossa Senhora da Piedade



Tecendo tranças e tramas: o valor das coisas e da vida

Por Betânia Diniz Gonçalves - Doutora em Psicologia e professora da PUC Minas



As tranças tecem também histórias. Trançar o cabelo de forma a transformá-lo em arte exige habilidade e criatividade. A trama de uma trança pode ser variada, algumas são sofisticadas e lindas e demandam um correto manuseio das partes para que a arte se faça. Outras tramas são básicas, três partes sobrepostas e aí se tem uma trança, mesmo assim podem ser bem feitas e belas. As tranças feitas hoje para enfeitar já foram feitas para esconder o volume do cabelo, acompanhadas de dor e impaciência. Mas é certo que cada trança tem história e expressa um tipo de valor, de intenção e de resultado. Tranças resultam de um tipo de trama: acordo, combinação, ajuste, organização, tecido...

Olhar para as tranças permite também olhar e pensar a vida, pensar o valor das coisas e o valor da existência. Em princípio não se compara o valor das coisas ao valor da vida. O valor da vida é incomensurável, desmedido. Mas ao dar

valor ao que oferece condições de vida, verifica-se também o valor que se dá à vida. É só uma metáfora, mas vale refletir. Entender as ambiguidades, o investimento pessoal, o cuidado, os equívocos, as imprecisões, determinações, projetos, manifestações também permite entender as tramas das tranças da vida.

Vejamos, um valor que em muito rege as oportunidades na vida é o acesso aos bens e serviços, acesso ao que o dinheiro pode comprar. Então é preciso reconhecer o valor do dinheiro, sem oportunidades a trama da vida será prejudicada, potenciais humanos serão desperdiçados, pois não terão chance de se desenvolverem. Dentre tantas outras frases que são ouvidas e repetidas, aprende-se que “dinheiro não traz felicidade”, “dinheiro é sujo”, “dinheiro é corrupção”. Pergunto: como reconhecer o valor de algo que dele não vale a pena se aproximar? Como utilizar bem essa “parte da trança”, como incluí-la na trama da vida? Como reconhecer o valor, usufruir e estar livre para não torná-lo o objetivo único da vida? Essas são respostas subjetivas que podem ser construídas e reconstruídas a partir de experiências e oportunidades, produzindo boas tramas.

As ambiguidades se manifestam cotidianamente e são vistas como naturais. Pensar que “dinheiro é sujo” favorece que se faça um mau uso dele. Se paga um alto

valor em uma peça de roupa ou outro acessório, mas não se paga um valor justo a um tratamento que permita uma melhor saúde mental. Há quem não se empenha no trabalho, pouco produz, mas vive à custa do que o grupo produz, desconsidera-se que “alguém” tem produzido para que você consuma sem produzir. É interessante pensar qual é o custo que o grupo familiar ou comunitário tem para que você possa viver bem (alimentação, moradia, saúde, lazer, educação, transporte)? E em contrapartida qual é o valor da sua contribuição? Não ter consciência do quanto tem gerado de custos à comunidade ou à família e o quanto tem produzido acarreta ambiguidades, desvaloriza-se o dinheiro e ao mesmo tempo usufrui-se do que é produzido pelo(a) outro(a). Se essa reflexão não é feita, a ambiguidade de comportamentos não pode ser desfeita. Essa “trama da trança” tecida sem perceber o valor correto das coisas (das partes) e do que é gerado pelo trabalho dos outros (a tessitura) é frágil e tolera a exploração, a apropriação indevida do que é negado, ou seja, “dinheiro não presta, mas eu uso do dinheiro que a(o) outra(o) produz sem me importar em gerar valor”.

Comportamentos antagônicos ao retratado no parágrafo anterior também podem ser gerados a partir da mesma premissa (“dinheiro é sujo”), ou seja, trabalha, trabalha, trabalha e não se dá o

direito de ter acesso a bens e serviços, tem-se que ser “pobre”, se apresentar mal vestida(o), não ir ao dentista, não cuidar da higiene pessoal, não se valorizar.

Pergunto: como você aprendeu a valorizar ou não o produto do seu trabalho e do trabalho do(a) outro(a)? Você sabe qual é a sua despesa mensal, quanto a instituição gasta com você durante um mês? Você sabe quanto você contribui para a manutenção da comunidade? Qual é a relação que você estabelece com o dinheiro? Como você tece a trama da sua vida conjugando oportunidades, produção, valorização, projetos? Como construir na

sua vida pessoal e comunitária/familiar uma bela trança com várias mechas, uma vida que retrata uma trança sofisticada?

Tranças podem ser refeitas, novas tramas podem ser tecidas. Aprende-se a se valorizar e a valorizar o(a) outro(a), é preciso ter a audácia de olhar para o caminho e reconstruí-lo. Outras histórias sempre são possíveis de serem construídas, novas tranças com tramas sofisticadas sempre são possíveis. Invista em você, aproveite as oportunidades, respeite o trabalho de cada um(a) que faz parte da trama da sua vida, contribua,

participe da tessitura das tramas de sua trança.



No dia 20 de julho, comemoramos o Dia do Amigo

Por Manuela Lourenço Muniz - Aluna do Ensino Médio da Rede Piedade de Educação.

A amizade é a relação entre duas ou mais pessoas que dividem um sentimento de companheirismo em momentos de felicidade, aflição, tristeza, raiva e transformação. Sua importância é muito grande para moldar a forma pela qual enxergamos as coisas. Podem nos dar forças ou decepções nos momentos que precisamos, afinal, uma amizade sempre terá suas turbulências e o que fará ser especial é a forma que os que estão na relação irão se comportar.

Você pode fazer amigos na escola, no trabalho, na faculdade, em uma academia ou até mesmo na internet, também chamado de *webamigo*, que vem sendo uma febre hoje em dia por conta da

Era Digital. É mais fácil fazer amigos quando estamos em um local que procuramos o mesmo propósito, seja passar na faculdade, praticar um esporte que goste ou até mesmo quando se curte um mesmo artista.

O respeito é a base fundamental para qualquer relação, e na amizade não poderia ser diferente, aceitar o jeito que seu amigo ou amiga, e se respeitar, fará com que a amizade seja mais prazerosa e duradoura.

Ter um amigo é a certeza que terá alguém ali por você quando se mais precisa e quando não se precisa. É aproveitar os momentos juntos, compartilhando cada emoção que se pode

proporcionar. Permita-se confiar em alguém, a vida é muito dura para passar sozinha(o).





[Toque aqui e siga o Instagram @vocacioalciansp](#)



[Toque aqui e curta a página Vocacional CIANSP no Facebook](#)



[Toque aqui e acesse nossa página Vocacional Pastoral no site da CIANSP](#)